



ADULTOS COMO PARCEIROS DE EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO EM UMA UNIDADE DA REDE DE MACEIÓ

Charllane Synara Assis dos Santos¹
Maria Janailma Barbosa da Silva Tavares²
Manasséis Silvério da Silva Oliveira³
Cleriston Izidro dos Anjos⁴

RESUMO

A pesquisa intitulada “Adultos como parceiros de experiências das crianças na Educação Infantil” tem como objetivo investigar os modos pelos quais os/as adultos/as de uma unidade de Educação Infantil da rede municipal de Maceió participam como enriquecedores das experiências das crianças. Tendo as Pedagogias e os Estudos Sociais da Infância como referencial de base, procuramos responder a seguinte questão: em que medida os adultos de uma determinada instituição de Educação Infantil da rede municipal de Maceió contribuem para fomentar experiências promotoras de aprendizagens na vida das crianças pequenas? Trata-se de uma pesquisa exploratória nos moldes de estudo de caso. Para a coleta de dados, estão sendo considerados momentos de observação de práticas educativas, registros em diário de campo e análise do planejamento docente de professores e professoras de uma instituição de Educação Infantil. Inferimos que os adultos podem ser importantes parceiros e promotores de experiências das crianças no cotidiano das instituições de Educação Infantil, mas que esse papel envolve escuta, olhar atento, planejamento flexível e formação continuada e em serviço como alternativas para a construção de outras performances possíveis e pautadas nos direitos das crianças e que respeitem as culturas da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil, Formação docente, Práticas Educativas.

INTRODUÇÃO

Discorrer sobre as relações entre adultos e crianças na Educação Infantil é importante para, além de outros fatores, refletir sobre a efetivação de direitos fundamentais das crianças, a exemplo do atendimento às necessidades de expressão, manifestação de ideias, anseios e indagações das crianças.

¹Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas- UFAL, charllane.santos@cedu.ufal.br;

²Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas- UFAL, maria.tavares@cedu.ufal.br;

³Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas- UFAL, manasseis.silva@cedu.ufal.br

⁴Pós-doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – UFAL. Professor do Curso de graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, cleriston.anjos@cedu.ufal.br;

A efetivação desses direitos, passa, num primeiro momento pela compreensão de que as interações e as brincadeiras tão essenciais em espaços de atendimento às crianças de Educação Infantil, são os eixos norteadores do planejamento e das práticas educativas com bebês e crianças pequenas. Esses eixos estão presentes nos documentos orientadores das políticas, práticas e ações voltadas à Educação Infantil no Brasil. Entre esses documentos basilares desta etapa da Educação Básica, há o documento “Critérios para um atendimento em creches que respeite os Direitos Fundamentais das crianças”, de 2009, que discorre sobre os principais direitos das crianças, entre eles: a brincadeira, a atenção individual (...), à proteção, ao afeto e à amizade; e expressa seus sentimentos, ao movimento em espaços amplos, a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa, a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante, a uma especial atenção ao período de adaptação. O documento chama a atenção às formas de atendimento das crianças, podendo ser usado como instrumento de análise da qualidade pedagógica, observando por exemplo, as escolhas dos educadores quanto à disposição dos brinquedos nas salas de referência.

Também na concepção sobre criança, e o modo como ela se desenvolve, fortalece a ideia de lugar privilegiado para trocas e relações, representado pela escola – ou no nosso caso, a unidade. A participação da criança deverá contribuir para o desenvolvimento de sua identidade, o que também é um dos objetivos da Educação Infantil.

O vínculo entre adultos e crianças nesses espaços, são primordiais para seu desenvolvimento afetivo, físico e cognitivo, uma vez que ao encontrar no outro um ponto de apoio, de amparo para suas necessidades, a criança encontra segurança para suas ideias.

As propostas voltadas às crianças, desenvolvidas por educadores, encontram também orientações em outros documentos como os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e o documento “Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica”, que estabelece as seguintes orientações:

1.4. Em relação às práticas pedagógicas, o professor que atua na Educação Infantil deve conceber o espaço como facilitador de interações e confrontos das crianças entre si – favorecendo a cultura de pares –, das crianças com os adultos ambos experimentando a descoberta de ensinar e aprender – e dos adultos entre si, sejam eles mães, pais, professores, gestores e demais profissionais. - que vivem o intenso desafio de ressignificar o seu papel, revendo conhecimentos e experiências (BRASIL, 2009)

Discorrendo isto, este artigo tem como objetivo discutir as interações estabelecidas entre adultos e crianças, em diversos momentos do cotidiano de uma unidade de Educação Infantil localizada na cidade de Maceió, Alagoas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, e compreende



as etapas de caracterização, observação e intervenção, porém, por tratar-se de uma pesquisa em andamento, não iremos nos debruçar sobre o momento de intervenção.

METODOLOGIA

A metodologia se deu através de observações por 6 semanas na área externa da unidade de Educação Infantil onde a pesquisa foi realizada, nos momentos de integração entre crianças de diferentes idades e enquanto adultos de diferentes turmas, acompanhavam as brincadeiras.

O desenvolvimento da pesquisa se deu no início de 2022, é uma escola pequena, com 5 salas que atendem entre 16 e 20 crianças, cada uma, em horário integral. A unidade fica localizada no campus da Universidade Federal de Alagoas, e mantém em sua equipe, servidores da SEMED- Maceió, servidores da universidade e funcionários contratados por empresas terceirizadas, que atuam no apoio pedagógico e em trabalhos administrativos. Além dessas pessoas adultas, a unidade recebe frequentemente estudantes vinculados à graduação, para realização de estágio e pesquisadores de programas de pós-graduação. É importante destacar que a unidade onde a pesquisa é realizada, possui uma organização de profissionais diferenciada da maioria dos CMEIs – Centro Municipais de Educação Infantil de Maceió – e por ser órgão de apoio acadêmico vinculado ao CEDU/ UFAL – Centro de Educação/UFAL, é comum receber visitas de adultos que não fazem parte do dia a dia da unidade, portanto, além de educadores das salas de referência, é comum que a jornada seja compartilhada com profissionais de apoio, estagiários, pesquisadores, familiares visitantes, etc. No entanto, buscamos nos deter às relações entre os profissionais que atuam diariamente na unidade, focando nas atividades na área externa, em momentos de brincadeiras livres.

REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando que as relações entre adultos e crianças podem configurar-se como um tema demasiadamente amplo e que pode ser analisado sob diferentes olhares, procuramos associar, nesse trabalho, estudos que compreendessem o papel ativo que os sujeitos, incluindo, principalmente as crianças, possuem nas relações. Portanto, nesta pesquisa, o embasamento teórico compreendeu os estudos da Sociologia da Infância e a Pedagogia da Infância. Assim,



refletiremos a partir do pressuposto de que crianças são seres sociais pleno (DELGADO e MULLER, 2005), também consideramos que cuidar e educar crianças refletem um compromisso ético daqueles que atuam na Educação Infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As cenas do cotidiano da unidade, revelam como adultos e crianças se relacionam, deixando mais ou menos evidentes quais as concepções que permeiam as práticas dos educadores, e de certo modo, dos demais profissionais ali inseridos. Os adultos, assim como as crianças, revelam afetos, respeito e cuidados. Também deixam evidentes, seus desafetos, cansaço e apatia. No cotidiano, percebemos alguns pontos que precisam ser revisitados e dialogados, como as relações hierárquicas pautadas no adultocentrismo.

Segundo Sarmiento:

[...] o conceito de geração não só nos permite distinguir o que separa e o que une, nos planos estrutural e simbólico, as crianças dos adultos, como as variações dinâmicas que nas relações entre crianças e entre crianças e adultos vai sendo historicamente produzido e elaborado. (SARMENTO, 2005, p. 366). A geração está constantemente sofrendo alterações, seja pela entrada e saída de seus atores concretos, pelo impacto que sofre das políticas sociais, pelo envolvimento nas relações de produção e de consumo etc. As crianças figuram nessa perspectiva como “atores sociais de pleno direito, ainda que com características específicas, considerando a sua idade [...]” (SARMENTO e PINTO, 1997, p.6).

Na diferenciação feita pelo autor são entendidas como seres [...]competentes e têm capacidade de formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia. (SARMENTO, 2005, p. 373). Sendo assim, o objetivo da Sociologia da Infância “é estudar as crianças não como objetos de socialização dos adultos, mas como sujeitos do processo de socialização”

Desde o momento de chegadas das crianças, seus gestos, olhares, expressões, elas demonstram suas preferências e buscam estar perto daqueles que lhes oferecem conforto, colo e segurança. As vezes, o colo não é físico, é meramente simbólico. O abraço surge sem o toque, pode inclusive, se manifestar em um bom dia, ou num momento onde o adulto pára o que estava fazendo para estar junto às crianças, e ouvir suas necessidades. A singeleza de compreender os gestos podem significar a confiança e a amizade, depois que passam dos portões da escola e

adetram em um mundo com outras vivências diferentes daquelas que ocorrem no ambiente familiar.

Além do mais, é interessante destacar que embora esta pesquisa tenha o intuito de gerar a reflexão sobre as inter-relações entre crianças e adultos, o espaço físico, os brinquedos, os objetos e mobiliários podem ser instrumentos interessantes para aproximações e distanciamentos entre esses sujeitos. Os indivíduos que participam do cotidiano das crianças, podem pensar na organização desses espaços, tanto externo quanto das salas de referência. de modo que reflitam a ideia de espaço que acolhe, desafia e promove o encontro entre adultos e crianças.

Esta pesquisa teve, como sustentação o compromisso de contribuir com as reflexões para a consolidação de práticas e relações que respeitem os direitos das crianças, defendendo que a escola deve ser um espaço de cuidado, proteção e acolhimento.

Acorda, a corda!

Muitas das brincadeiras das crianças ocorrem na área externa, em cima de dois pneus de caminhão, e embaixo de um grande pé de manga. Nesse brinquedo-pêndulo, as crianças se equilibram ora sozinhas, ora aos pares. Alguns educadores se afastam, chamando as crianças como se quisessem distraí-las desse brinquedo perigoso. Outras lembram as crianças que estão sob seus cuidados que, “sua mãe não deixa brincar na corda”, como se quisesse validar sua própria negativa. E um ou dois adultos ficam por perto apoiando as crianças para que consigam brincar ali. Como uma metáfora da vida, a corda é um espaço disputado e desafiador, quando a criança brinca em dupla, tem de ter cuidado com o que está por vir – se pular na hora errada, pode se chocar com a criança que está na outra corda. O adulto que acompanha esse momento, por vezes, é desafiado a brincar também, na maioria das vezes, um dos profissionais de apoio, aceita o desafio, é ele também que colabora para que as crianças brinquem com segurança, e é o mesmo profissional que é procurado quando alguma delas cai, como se fosse seu trabalho mais importante regulamentar as brincadeiras da corda.

Em diversos momentos da observação, a presença do adulto era solicitada, não apenas para se resolver problemas de ordem prática, mas também pela necessidade de estar próximo, de suprir um desejo de companhia:

O bem estar da criança depende, antes de tudo e em grande medida, do adulto, ou seja, da maneira como este a toca (...). A maneira de tratar a criança envolve, para ela, numerosas informações. Os movimentos ternos e delicados expressam atenção e interesse, ao passo que os gestos bruscos são um sinal de desatenção, indiferença e impaciência (...). A criança é capaz de aprender de forma autônoma, é capaz de realizar ações competentes (...). A criança pode realizar o que foi exposto até aqui lhe asseguram determinadas condições. Entre elas, o mais importante é a relação que a



une ao adulto. A criança, para sentir desejos de agir, para ser capaz dessa aprendizagem baseada na aprendizagem autônoma, tem necessidade de uma relação profunda, que proporcione a ela o sentimento de segurança, condição necessária para um adequado estado afetivo. (TARDOS, 2008 p. 63)

Na aproximação das brincadeiras e brinquedos preferidos das crianças, a observação ativa e sensível e o modo de interagir e brincar com elas, o adulto tem a possibilidade de conhecê-las de forma autêntica, perceber suas curiosidades, escolhas, maneiras de ver e perceber o mundo e como atribuem significados ao que acontecem no seu cotidiano, conhecer seus saberes, reconhecendo-as como sujeitos competentes para aprender, informar, compartilhando seus saberes, a partir de suas próprias experiências. É a partir dessa aproximação e observação que os adultos compreendem o compromisso político e ético manifestar nos cotidiano com as crianças uma educação que é ao mesmo tempo respeitosa e libertadora.

Além do mais, é interessante destacar que embora esta pesquisa tenha o intuito de gerar a reflexão sobre as inter-relações entre crianças e adultos, o espaço físico, os brinquedos, os objetos e mobiliários podem ser instrumentos interessantes para aproximações e distanciamentos entre esses sujeitos. Os indivíduos que participam do cotidiano das crianças, podem pensar na organização desses espaços, tanto externo quanto das salas de referência. de modo que reflitam a ideia de espaço que acolhe, desafia e promove o encontro entre adultos e crianças.

Na unidade onde a pesquisa ocorreu, há cenas de delicadeza e boniteza, mas há também, ainda, fragilidades e dificuldades que geram indignação e confrontam nossa percepção de mundo; retroalimentando questionamentos. Essas primeiras observações nos instigaram a procurar respostas às nossas questões: Os profissionais exercem um papel educativo na unidade? Em que medida esses adultos que atuam na unidade se posicionam como parceiros das ideias e planos das crianças?

De acordo com Jean Piaget, a autonomia e a reciprocidade são dois pilares na constituição da personalidade humana, o que reforça a necessidade de a criança ser rodeada por adultos – tanto pais quanto educadores – que primem por relações saudáveis, que promovam um ambiente seguro e tranquilo e estimulem suas ações, norteadas pelos princípios da solidariedade e da cooperação, possibilitando a construção de uma disciplina autônoma. As regras e normas então farão sentido e, portanto, serão uma construção interna, amparada pelas relações coletivas (MONÇÃO, 2018)

A construção de uma pedagogia da infância, passa pela busca da qualidade nas relações em instituições de educação infantil. A melhoria das relações entre adultos e crianças, deve



apoiar-se na constante tentativa de conhecer às crianças, a fim de trilhar novos meios de conviver, em uma construção diária, coletiva e democrática.

Notamos que, as questões referentes à formação inicial e continuada interferiram na maneira como adultos e crianças se relacionam, sendo necessário que as políticas de qualificação profissional e formação continuada se fortaleçam, principalmente buscando uma perspectiva respeitosa para as infâncias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário compreender que as práticas realizadas pelos adultos são fruto de suas experiências sociais e culturais, e que, se de um lado alguns profissionais se colocam como parceiros das crianças, é difícil romper com práticas presentes em muitas instituições de educação infantil, que muitas vezes apontam para ordens de maior abrangência: de ordem social, ideológica e de responsabilidade da sociedade em geral, essa ordem muitas vezes apontam para a obediência e verticalização das relações, nessa hierarquia, o adulto é quem detém o poder.

Nosso trabalho teve como objetivo central compreender ou ao menos refletir sobre as relações entre adultos e crianças na unidade. Na construção dessa compreensão, entendemos as crianças como ser sócio-histórico-culturais que se desenvolvem com seus pares, com os adultos e na convivência com o mundo que o cerca. Portanto, o papel do adulto é fundamental para que a criança seja inserida no mundo social, esteja protegida e tenha seus direitos enquanto pessoa humana assegurados. (CAMPOS e ROSEMBERG, 1995, KRAMER, 2000)

A pesquisa revelou que no grupo de adultos e crianças investigados, a participação de adultos em condição de parceria, ocorreu quase que exclusivamente conduzida por profissionais de apoio – auxiliares de sala – predominaram os modos de participação que além de buscar fomentar interações, constituíram-se em ações de incentivo a cooperação e partilha entre crianças, fortalecendo as aprendizagens infantis através das brincadeiras.

Além do mais, é interessante destacar que embora esta pesquisa tenha o intuito de gerar a reflexão sobre as inter-relações entre crianças e adultos, o espaço físico, os brinquedos, os objetos e mobiliários podem ser instrumentos interessantes para aproximações e distanciamentos entre esses sujeitos. Os indivíduos que participam do cotidiano das crianças, podem pensar na organização desses espaços, tanto externo quanto das salas de referência. de



modo que reflitam a ideia de espaço que acolhe, desafia e promove o encontro entre adultos e crianças.

É importante destacar que a pesquisa segue em andamento, e outros momentos de interação entre adultos e crianças serão observados. Crianças e adultos são indivíduos que se correlacionam nos espaços de educação infantil. Nesse percurso, elas contribuem para a formação um do outro, para a construção de pontes afetivas e para a percepção de um mundo em constante mudança e busca por efetivação de direitos das crianças,

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB – Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf>. Acesso em: 01 de

COSTA, Saionara. A interação professor - criança na educação infantil: contribuições para o processo de auto - avaliação na formação docente. 2006; 170 f; Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, 2006. nov. 2022.

KRAMER, Sônia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. Revista Teias, v.1, n.2, p. 2000.

MONÇÃO M.A.G.. Cenas do cotidiano de um Centro de Educação Infantil: em foco a relação entre adultos e crianças Revista @mbienteeducação. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 11, n. 2, p. 259-276 maio/ago. 2018

SARMENTO, Manuel; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel; PINTO, M. (Org.). As crianças: contextos e identidades. Braga: Universidade do Minho, 1997. SARMENTO, Manuel. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. Educação e Sociedade, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005

TARDOS, A. (2008). La mano de la educadora. En Falk,J., Lóczy, *Educación infantil*. Barcelona: Octaedro – Rosa Sensat, 47-68.